

Humor, polarização assimétrica e ódio no Brasil contemporâneo: breves notas

*Humour, asymmetric polarisation and
hatred in contemporary Brazil: brief
notes*

Mateus Pranzetti Paul Gruda

Resumo

Ao tomarmos o contexto brasileiro contemporâneo de polarização assimétrica, procuramos refletir sobre alguns aspectos do afeto do ódio direcionado ao outro que, ao contrário de ser entendido como um adversário, é elevado a condição de inimigo a ser eliminado. De maneira geral, o ódio é difundido e se enseja no e pelo discurso da violência verbal e, por conta disso, focalizamos na questão da linguagem, justamente por imputarmos uma sobre importância a mesma, já que esta constitui a realidade, as relações e a forma como subjetivamos. Elegemos o discurso do humor como objeto de estudo em nossa reflexão pela compreensão de que os ataques proferidos neste caldo sócio-histórico-cultural se valem exatamente de um funcionamento humorístico, o que, aparentemente, suavizaria e justificaria os insultos que estão sendo enunciados. Em nosso texto, também apresentamos uma perspectiva que indica certa ampliação e complexificação no entendimento do que é ou não é humorístico.

Palavras-chave

Polarização, ódio, humor.

Abstract

Taking the asymmetric polarisation of Brazilian contemporary context, we tried to reflect regarding aspects related to hate pointed to others, which unlike of being understood as adversaries are elevated to the condition of enemies who must be eliminated. In a general way, hatred is widespread and connected in and by verbal violence discourse, and because of that, we focused on the topic of language. We consider language as something important, since it constitutes reality, relations and the way we subjectify. We choose humour discourse as study object in our reflection because of the comprehension that attacks uttered within this social-historical-cultural context are using a humoristic mode of operating, which apparently could turn those offensive things into softly ones, besides of justifying them. In our text, we also present a perspective that indicates a wide opening and complexification process on understanding what is humoristic and what is not humoristic.

Keywords

Polarisation, hatred, humour.

Mateus Pranzetti Paul Gruda

Unesp/Assis

UNESP/A Bacharel, Mestre e
Doutor em Psicologia pela
UNESP/Assis – Bolsista Fapesp
Pesquisador Estagiário no
Centre for Comedy Studies
Research da Brunel University
London – Bolsa de Doutorado
Sanduíche da CAPES; Pós
Doutorando em Psicologia na
UNESP-Assis - Bolsista CAPES

mateusbeatle@hotmail.com

Introdução

Neste ensaio intentamos nos debruçar sobre um “tipo” de manifestação discursiva que pode ser entendido como conectado com a violência verbal e está amplamente disseminado na contemporaneidade, permeando, dentre outros, os discursos políticos e midiáticos, qual seja: o discurso humorístico. Como já afiançamos em outras oportunidades (GRUDA, 2015, 2017), os mecanismos de funcionamento e atrelados ao código humorístico estão presentes nas mais diversas práticas discursivas e sociais, o que, conforme Lipovetsky (2005), poderia caracterizar estarmos vivendo em uma “sociedade humorística”. Salientemos que tal reflexão deste autor foi tecida e publicada no início da década de 1980, o que implica compreender que a profusão do humor não é fenômeno completamente recente e, até desdobrámos, ao reflexionar o quanto o humor é um dos pilares que estrutura as relações entre nós e o mundo, podemos pensar que a importância e difusão massiva do humor tem se solidificado mais e mais nos últimos anos.

Por se tratar de um “tipo” de discurso, este detém uma forma de funcionamento – para se valer do termo consagrado por Orlandi (1996) – que se ancora em mecanismos diversos (como, por exemplos, nas figuras de linguagem da ironia e da hipérbole) e produz e reproduz ideias que circulam no corpo social e estão conectados aos contextos sócio-histórico-culturais vivenciados. Aqui nos aproximamos de uma perspectiva de que o discurso não versa apenas sobre forma de transmissão de informação, práticas comunicacionais ou suporte para o pensamento (ORLANDI, 1996), o que segundo Parker (2015, p.3, em nossa tradução), também “[...] marca uma quebra conceitual dos modelos comportamentalistas e cognitivistas da linguagem como expressão de respostas a estímulos ou como comunicação de ideias presentes no interior da cabeça de um indivíduo para os outros”¹.

Ao nos ancoramos e seguirmos esta forma de compreensão acerca da linguagem, pensaremos, tal como tem classificado Possenti (2018), que o discurso humorístico é um “campo” circunscrito por um conjunto de normas que o caracteriza. De modo geral, ao contrário do que usualmente pode ser pensado e afirmado, o que fundamentalmente define o discurso humorístico não é a produção ou não do riso, ainda que esse seja uma possibilidade do e para o humor e, evidentemente, esteja conectado a este. Conforme Palmer (1994, p.102, em nossa tradução), a ideia central para apreendermos o humorístico é de que o “[...] humor surge quando uma combinação específica de estados ocorre”², desdobrando que esta combinação de estados é a mistura entre o senso e nonsense. Isso se traduz, por exemplos, em quando ocorrem quebras de expectativas ou da lógica formal.

Feitos tais breves prolegômenos acerca do discurso humorístico, passamos a comentar sobre quais aspectos envolvendo este tipo discursivo que pretendemos reflexionar. De forma sumarizada, observaremos o fenômeno candente da chamada polarização que tem acometido a sociedade brasileira nos últimos anos (BRINGEL; PLEYERS, 2015; BRUGNAGO; CHAIA, 2015; FILHO; FEITOSA; SILVA, 2019; ORTELLADO; SOLANO; MORETTO, 2016; SOLANO; ORTELLADO; MORETTO, 2017), sobretudo após a eclosão das chamadas “jornadas de junho de 2013”, e que trouxe o afeto do ódio para o centro da nossa organização social, política e subjetiva, permeando não apenas as relações cotidianas mais comeczinhas, quanto também os discursos proferidos por lideranças políticas e personalidades imputadas como influentes. Após isso, discutiremos o quão mecanismos do discurso humorísticos estão atrelados a propagação da polarização e do ódio ao outro, tentando exemplificar o quanto questões correlatas a manifestações do chamado “humor politicamente incorreto” (GRUDA, 2015, 2017) se engancham a tal contexto.

1

“[...] marks a conceptual break from behavioural and cognitive models of language as expressions of response to stimuli or as communication of ideas from inside the head of an individual to others.”

2

“[...] humour arises when a specific combination of states occurs.”

Ódio e a propalada polarização no Brasil contemporâneo

Mais uma vez na história humana, ainda que evidentemente com as particularidades inerentes ao contexto e condições sócio-histórico-culturais presentes, podemos notar o arrefecimento do afeto do ódio como uma das engrenagens fundamentais no motor da forma como nos relacionamos e nos organizamos subjetiva e socialmente. Para Ahmed (2004, p. 49), em nossa tradução), o ódio “[...] é uma intensa emoção; este envolve um sentimento de ‘contrariedade’ que é sempre, em uma perspectiva fenomenológica, intencional. Ódio é sempre odiar algo ou alguém, embora esse algo ou alguém não necessariamente preexistam à emoção.”³. Ainda que a autora descreva o ódio como emoção intensa e prefiramos pensá-lo enquanto afeto – seguindo a chave de entendimento de autores como Safatle (2015) –, compreendemos que a ideia de que o ódio se engancha em uma perspectiva de contrariedade intensa, intencional e é dirigido a algo ou alguém (ainda que ela coloque que estes não necessariamente preexistam à emoção, o que implica certa interiorização e rechaço da construção das coisas pelos tensionamentos indivíduo-sociedade) é um bom conjunto sintético de características para defini-lo.

Uma das faces mais visíveis da materialização deste afeto em nosso país é a tal afirmada polarização, a qual passaremos a chamar de assimétrica⁴ (explicaremos a razão para isso ao término desse seção) e que foi tomando corpo e materialidade, dentre outros acontecimentos, nos atos de rua subsequentes às chamadas “jornadas de junho de 2013”, nas discussões e brigas pelas redes sociais ou fora delas, e tem como um dos seus pontos altos o período das eleições majoritárias brasileiras transcorridas em outubro de 2018, em que houve explicitamente atos de violência física – incluindo homicídio⁵ –, bem como discursos incentivando a prisão ou exílio dos adversários, os quais foram elevados a categoria de “inimigos”. Optamos por sempre empregar este termo, conforme reflexionam Ortellado, Solano e Moretto (2016), vez que “adversário” pressupõe disputa, ser derrotado ou vencer, enquanto “inimigo” agencia justamente a ideia subjacente de eliminação do outro. Aliás, tivemos diversas falas sendo proferidas diuturnamente por um dos candidatos que concorria ao pleito presidencial, o qual afirmou que, caso eleito (e, ele de fato o foi), tais ações (prisão ou exílio) direcionados aos “inimigos” deveriam ser tomadas e executadas.

A polarização assimétrica decorrida no Brasil nos últimos anos, segundo Bringel e Pleyers (2015, p. 6), “[...] deve ser lida não como algo exclusivo de 2014 e/ou 2015, mas como resultado do retorno da ação direta e do conflito à política nacional”, o que, de modo geral e especialmente no que tange ao conflito, é o próprio centro do fazer político – ao menos ao entendermos que o conflito e contradições que engendra é construtivo e motor dos processos (GRAMSCI, 1986; MARX; ENGELS, 2010[1848]). Entretanto, como referenciado e pontuado acima, não temos observado exatamente disputas por ideias e ideais divergentes, opostos e/ou conflitantes, ao contrário disso, é notável um recrudescimento pela via do ódio que tem sobremaneira dificultado uma convivência minimamente civilizada entre diferentes, bem como o exercício da tolerância, escuta e tentativa de compreender o outro, ressaltando de forma expressa que:

[...] esse tipo de perspectiva não inclui aceitar e relativizar, por exemplo, a intolerância e o desrespeito aos direitos humanos. Nisso, é sempre válido lembrar o “paradoxo da tolerância” de Popper (1998) em que a tolerância ilimitada, estendida aos intolerantes, desemboca na extinção da própria tolerância (GRUDA, 2019, p. 1020).

3

“[...] is an intense emotion; it involves feeling of ‘againstness’ that is always, in the phenomenological sense, intentional. Hate is always hatred of something or somebody, although that something or somebody does not necessarily pre-exist the emotion.”

4

Uma tirinha do cartunista Laerte Coutinho ilustra de forma bastante sintética, tal qual uma tirinha consegue condensar a leitura dos processos e das coisas do mundo, esse caráter assimétrico da polarização brasileira. Descreveremos o quadrinho, embora recomendemos a visualização do mesmo no seguinte link: <<https://www.instagram.com/p/B8YvkRrAHso/>> (acesso em: 10 fev. 2020). Na tira em quadrinho há uma mesa, de um lado uma pessoa com cabeça de alvo, do lado oposto uma pessoa com cabeça de arma de fogo e no meio um mediador dizendo “é preciso buscar o equilíbrio entre os extremismos de um lado e de outro”.

5

AGÊNCIA PÚBLICA. Violência eleitoral recrudescceu no segundo turno. Pública – Agência de Jornalismo Investigativo, 12 nov. 2018. Disponível em: <<https://apublica.org/2018/11/violencia-eleitoral-recrudescceu-no-segundo-turno/>>. Acesso em: 01 fev. 2020.

Os conflitos, conforme a perspectiva que estamos nos respaldando, nunca deixariam de existir e nem devem ser apagados – a homogeneização das relações e processos se encontra noutro campo de ideias –; contudo, é possível analisar que vivenciamos essa convivência curada no ódio por conta, dentre outras dimensões, de um complacente processo de normalização em tolerar a intolerância transcorrido nos últimos anos.

Os exemplos disso no Brasil e no mundo são numerosos; todavia, para elencar apenas alguns casos brasileiros, podemos dizer: da relativização do racismo estrutural de nossa sociedade através de discursos defendendo um suposto racismo reverso na proposição e tomada de quaisquer tipos de ações afirmativas; da apreensão de obra arte em 2017 por esta supostamente fazer apologia à pedofilia⁶ (curiosamente, neste caso, a tela propunha justamente uma crítica a pedofilia); a proposição de projetos de lei para a criação do “Dia do Orgulho Heterossexual”⁷, em que se enseja que iniciativas como as do “Dia do Orgulho LGBTI” propagam heterofobia; dentre outros episódios e acontecimentos.

Ao serem confrontadas timidamente, a aceitação e normalização dessas e outras barbáries sociais acaba por ocorrer, se propagar e se imiscuir no imaginário social e, como diz Gallego (2018, p. 13) ao reflexionar sobre a fascistização do corpo social via ascensão dos discursos de ódio nos últimos anos, “não é possível ficar numa postura desorientada e titubeante, sob o risco de as forças democráticas serem engolidas por aquilo que deveríamos combater com veemência”. Discutiremos na seção seguinte que uma das formas de normalização desses discursos de ódio é de entendê-los como disparates humorísticos e que, portanto, não deveriam sequer serem levados a sério ou mesmo respeitarem quaisquer limites.

Ainda discorrendo sobre a polarização, nas palavras de Solano, Ortellado e Moretto (2017, p. 5), esta é um “um fenômeno relacional, onde a própria identidade se define a partir do oposto, da negação da identidade alheia”, o que não é nem um pouco incomum em termos de disputas políticas e formação de blocos ideológicos polarizados e organizados a partir das noções de esquerda e direita (BOBBIO, 1995). Inclusive, ao pensarmos dialeticamente, podemos apreender que algo se constitui justamente a partir da complementariedade entre polos opostos que se negam sem se excluírem entre si.

Todavia, nesta polarização assimétrica vivenciada nos últimos anos no Brasil, uma percepção possível é de que a definição de si está para além de ocorrer a partir da negação do outro, uma vez que, como analisou argutamente o professor e filósofo Vladimir Safatle, em entrevista concedida em meados de maio de 2016 ao Diário do Centro do Mundo⁸: “O Brasil encarou de uma vez por todas que não é um país. É completamente dividido. [...] nós não vivemos no mesmo país, nós apenas ocupamos o mesmo espaço — por infelicidade. Estamos em campos completamente opostos, temos antagonismos insuperáveis”. Imagens áreas da esplanada dos ministérios na cidade de Brasília/Distrito Federal, no dia da votação do impeachment (17/04/2016) da presidenta Dilma Rousseff – as quais são facilmente localizáveis em uma simples e rápida busca na internet e também ficaram imortalizadas no documentário “Democracia em Vertigem” (2019) da cineasta Petra Costa –, materializam de forma concreta a supracitada divisão inconciliável que estamos tanto mencionando.

Neste caldo, há também as terminologias pejorativas “petralhas” e “coxinhas” que passaram a simplificar a forma de denominar aqueles que estariam de um lado ou do outro da divisão em polos, sendo o primeiro termo utilizado para designar quem se encontra à esquerda, enquanto o segundo termo se refere às pessoas identificadas com a direita (BRUGNAGO; CHAIA, 2015; ORTELLADO; SOLANO; MORRETO, 2016; SANTOS JÚNIOR, 2016). Tal separação por termos ofensivos é um dos principais sintomas desta polarização, dualização, bipolarização, ou divisão entre inimigos.

6

<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/09/1918799-deputados-pressurem-e-policia-apreende-quadro-em-exposicao-no-ms.shtml>>. Acesso em: 01 fev. 2020.

7

<<https://www.otempo.com.br/politica/aparte/criacao-do-dia-do-orgulho-heterossexual-esta-na-pauta-da-camara-1.2144523>>. Acesso em: 01 fev. 2020.

8

<<https://youtu.be/z1x0fdJRRus>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

Como refletiu o historiador Leandro Karnal em entrevista concedida ao programa televisivo “Roda Viva” no começo de julho de 2016:

O problema da bipolarização é que ela não pensa, a bipolarização adjetiva. No momento em que eu digo que você é petralha ou coxinha, no momento em que eu te caracterizo, eu deixo de pensá-la como ser humano dialético, contraditório, orgânico, em evolução e paro de discutir suas ideias e apenas te rotulo. A polarização é burra, este é o principal defeito dela. Mas, ela vem acompanhada de uma coisa ainda pior: a vontade de te eliminar como oponente. Ou seja, nem te escuto, nem quero saber o que você tem a dizer.

Deste modo, seguindo, nos dizeres de Ortellado, Solano e Morreto (2016, p. 159, grifos nossos): “uma das consequências mais dramáticas do processo de impeachment que o Brasil está passando é a binarização social em dois supostos bandos confrontados, não de adversários e, sim, de inimigos”. Como um dos sintomas sociais consequentes desse processo, temos um aumento exponencial de violência física e simbólica, mormente, por parte de um dos espectros, o qual se encontra cada vez mais extremado, com aspirações abertamente antidemocráticas e, por diversas vezes, beirando ao ideário nazifascista – o caso do ex-secretário da Secretaria Especial da Cultura⁹ que produziu um vídeo institucional que se assemelhava a uma mera reprodução (ainda que farsesca, quase kitsch) de um discurso do ministro da propaganda na Alemanha nazista, Joseph Goebbels (1897-1945), é algo metonímico disso.

A citada escalada de violência tem dentre as suas principais raízes o processo de desumanização do outro – não é à toa que o atual chefe do poder executivo brasileiro se valeu recentemente (redigimos inicialmente esse artigo em fevereiro de 2020) de metáforas escatológicas ou comparações com animais não-humanos para se referir àqueles que considera como “inimigos” –, o que curiosamente aproxima uma vez mais o extremismo de um dos polos com o ideário nazista, visto que tal prática foi fundamental para esse regime (JASPERS, 2018). E essa forma metafórica de caracterizar o outro é humorística, vez que, notem, há mistura entre senso e nonsense, pois, factualmente, uma pessoa não é propriamente um dejetivo ou um animal não-humano, entretanto, pela figura de linguagem empregada, há a supracitada mistura de estados, afinal, basta imaginar uma pessoa-dejetivo para vislumbrar tal combinação. Destarte, uma esteira de ideias possível é de que se o outro não é nada semelhante a mim, sequer da mesma espécie, pode ser eliminado sem qualquer tipo de preocupação.

Aliás, esse processo de polarização e consequente desumanização promovida pelo afeto do ódio direcionado peremptoriamente ao outro, com intuito de “eliminação” do inimigo, não são completa novidade na história da humanidade, nem mesmo privilégio do atual contexto sócio-histórico brasileiro. O mundo tem convivido com e presenciado, por exemplo, o recrudescimento e ascensão de discursos e atos xenofóbicos/anti-imigrantes, como nos pronunciamentos de Donald Trump, político republicano eleito à presidência dos Estados Unidos nas eleições realizadas em novembro de 2016, o qual diuturnamente afirmou (e segue afirmando) que os problemas estadunidenses maiormente decorrem da presença dos imigrantes mexicanos; também há os episódios em que governos de países europeus aumentarem o aparato de vigilância de suas fronteiras e, por vezes, criminalizarem abertamente os refugiados.

Até mesmo a razoavelmente recente decisão favorável pela saída do Reino Unido da União Europeia, votada em plebiscito no dia 23 de junho de 2016 e concretizada no dia 31 de janeiro de 2020, é apontada como fundada em um forte caráter anti-imigrante para que fosse vitoriosa a opção por abandonar o bloco, e a decisão tomada apresentou como consequência, logo na época posterior a consulta popular, episódios corriqueiros e cotidianos

9

<<https://oglobo.globo.com/cultura/roberto-alvim-demitido-da-secretaria-especial-da-cultura-24196589>>. Acesso em: 01 fev. 2020.

10

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/voltem-para-casa-relatos-de-xenofobia-inundam-redes-sociais-apos-votacao-da-brexite.html>>; <<https://www.theguardian.com/uk-news/2016/jun/27/sadiq-khan-muslim-council-britain-warning-of-post-brexite-racism>>; <<http://www.aljazeera.com/news/2016/06/uk-xenophobic-attacks-brexite-vote-160628171147062.html>>; <<http://www.independent.co.uk/news/uk/home-news/brexite-eu-referendum-racial-racism-abuse-hate-crime-reported-latest-leave-immigration-a7104191.html>>. Acessos em: 01 fev. 2020.

de ódio ao estrangeiro, conforme noticiado pela imprensa britânica e mundial¹⁰.

Neste contexto sociocultural de uma política do ódio cada vez mais presente e solidificada, para se propagar e fincar o intento de desumanização dos “inimigos” e assim justificar e legitimar as violências direcionadas a estes, quaisquer estratégias discursivas são colocada em marcha, sendo que estas se ancoram maiormente em três aspectos fundamentais, quais sejam: (1) Cinismo: como sumariza Žižek (1996, p. 316) acerca do cinismo contemporâneo, “eles sabem o que fazem e mesmo assim o fazem”; (2) na chamada Pós-Verdade (GUARESCHI, 2018): de forma bastante sintética, isto diz respeito aos fatos objetivos importarem menos do que aquilo que nos convoca emocionalmente; o que não significa imputarmos uma maior importância da objetividade sobre a subjetividade, vez que, ao nos guiarmos pela perspectiva da dialética, tais polaridades sequer são dicotomicamente desvinculadas, mas coexistem em relação uma com a outra; (3) e na produção/difusão massiva das Fake News: forma anglicizada e atual para classificarmos aquilo que poderíamos tão somente denominar por mentira.

Sendo o uso constante das chamadas novas tecnologias de informação e comunicação, materializadas nos aparelhos celulares e redes sociais na e da internet, os quais possibilitam rápida disseminação de ideias e ideais, um dos pontos centrais para a constituição dessa política do ódio e seu discurso em nossa atualidade.

Os exemplos concretos são muitos (e algumas das referências que constam ao final de nosso texto discutem episódios específicos envolvendo fake news no Brasil contemporâneo), contudo, enunciemos apenas o caso das notícias falsas (fake news) espalhadas no período eleitoral de 2018 que aparentemente tiveram parcela de contribuição significativa nos resultados finais do sufrágio. Dentro de um contexto em que a pós-verdade tem papel relevante em como se dão as relações, as representações (kits gays e mamadeiras com bico de pênis, para citarmos apenas as fake news mais difundidas naquele momento) se tornaram mais relevantes do que aquilo que representavam por convocavam emocionalmente e se encaixavam em perspectivas previamente construídas por aquelas e aqueles que se deparavam com tais “notícias”, de modo que estas tinham força de verdade e grande ressonância subjetiva e social.

Para finalizar essa seção, pontuemos sumariamente que a ideia de polarização, por vezes, enseja que ambos os polos são rigorosamente iguais e agem e reagem na mesma intensidade de extremismo e de ímpeto pela eliminação do “inimigo” do outro lado (a mencionada tirinha da cartunistas Laerte Coutinho em nossa nota de rodapé de número 4, repitamos, questiona e crítica essa ideia falaciosa), entretanto, como apontam Brugnago e Chaia (2015) e Miguel (2019), o que temos no Brasil é uma “polarização assimétrica”, pois, como nos diz o último autor: “foi a direita que se radicalizou, rompeu com a conciliação que os governos petistas encarnavam, passou a recusar qualquer espaço de diálogo e adotou, em diferentes frentes, um discurso de combate sem tréguas” (MIGUEL, 2019, p. 47).

Passemos agora a relacionar estas configurações sócio-histórico-culturais de ascensão desta política do ódio respaldada, dentre outras dimensões, na polarização assimétrica com o discurso humorístico, o qual, tem seus mecanismos de funcionamento amplamente utilizados nestes processos.

Violência verbal e humor

Ao entendermos a linguagem como estruturada na forma de discurso, pontuamos que está é essencial para a construção da realidade e para o modo como a subjetivamos e a compreendemos (PARKER, 2015;

TRAVERSO-YEPEZ, 1999), até por isso Eagleton (1998, p. 26, grifos nossos) assevera contundentemente que: “negar que há uma distinção entre o discurso e a realidade, entre praticar genocídio e falar dele, significa, entre outras coisas, uma racionalização dessa condição [...] *não há nada tão importante como falar*”. Com a ressalva de que a aproximação “praticar genocídio e falar dele” não indica que todo dizer sobre genocídio ou sobre qualquer outra violência seja equivalente a realização das mesmas, o “falar sobre” que não se distingue do “praticar” é aquele apologético que estimula e decanta discursivamente atos violentos e, desse modo, os incentiva, justifica e autoriza.

Também salientamos que o “falar” pode se dar tanto de forma verbal, quanto não-verbal e tem uma importância ainda maior em uma sociedade altamente informatizada (BRUNO; CARDOSO; KANASHIRO; GUILHON; MELGAÇO, 2019) em que as formas como nos relacionamos com os outros e com mundo são sobremaneira inundadas pelas chamadas novas tecnologia de informação e comunicação, uma vez que a profusão das mais diversas mensagens, mentiras, notícias, análises e afins nos impactam veloz e constantemente.

Dentre as tantas possibilidades discursivas, aquela a que passamos a nos debruçar é a do discurso humorístico. Historicamente, o humor teve momentos de maior e menor virulência no seu teor de mordacidade (GRUDA, 2017; LIPOVETSKY, 2005) e, nas circunstâncias e contexto em que fora mais caustico, este poderia até mesmo ser entendido como uma forma de violência verbal. Destarte, insultar figuras públicas, segmentos sociais, ideias e assim por diante é algo que esteve e está presente na prática humorística, contudo, sublinhemos que que isto não indica que não haja qualquer tipo de limite ao humor ou mesmo que este jamais possa ser tomado por ato de violência verbal ou simbólica. As limitações e interpretações sempre serão dadas pelos contornos sociais e culturais dos distintos momentos históricos.

Nas últimas décadas, assistimos à ascensão de uma modalidade de humor que acendeu intensamente a discussão dos limites e de quão o humor pode ser ofensivo, sendo bastante confrontado por conta disso (GRUDA, 2015, 2017). Esta modalidade dentro do discurso humorístico é a do chamado humor politicamente incorreto, a qual foi propagada massivamente no Brasil em meados dos anos 2000 através da chamada stand-up comedy e as discussões e polêmicas correlativas foram muitas. Danilo Gentili e Rafinha Bastos, dois dos mais proeminentes representantes desta modalidade de difusão do discurso humorístico, por exemplo, acumularam processos e interpelações judiciais por conta de piadas enunciadas em distintos meios (tanto na televisão, quanto nas redes sociais na internet).

De forma bastante geral, o questionamento se deu em termos desse humor praticado pelos comediantes citados se fundar em preconceitos diversos (misoginia, racismo, homofobia, para arrolarmos apenas os principais) e o contraponto usualmente apresentado pelos humoristas era e é de que as enunciações deles se tratavam apenas de humor e, sendo do tipo politicamente incorreto, este de fato deveria causar incômodos, transgredir normas e limites. Todavia, como discutimos em outros trabalhos (GRUDA, 2015, 2017), é fundamental reflexionar quais limites e normas estão sendo violadas e a quem e/ou ao que estas normas e limites (e a transgressão destes e daquelas) estão servindo.

Para nós, boa parte da violência presente nos discursos político e midiático no Brasil contemporâneo se respalda em larga medida em um funcionamento humorístico, o que, em uma chave genérica de entendimento, suavizaria o que está sendo dito a ponto de que certas atrocidades sejam enunciadas sem causar o devido espanto e repúdio pelo corpo social

e, bem ao contrário disso, são naturalizadas por serem encaradas como não sérias, “só uma piada”, meros disparates humorísticos, bufonaria pura.

Ademais, a citada agressividade se dá pela via não de qualquer humor, mas de um humor politicamente incorreto, o qual, reforçamos, toca em temas sensíveis e com uma abordagem que, em tese, ignoraria quaisquer limites. Ao dizermos sobremaneira sobre um modo de funcionamento humorístico, explicitemos acerca do que estamos discorrendo através de um exemplo concreto, o qual metonimicamente pode servir de leitura para tantos outros casos cotidianos e recentes de declarações de figuras ligadas ao mundo da política, por assim dizer “stricto sensu”, e aqui a expressão deve ser escrita entre aspas, vez que esse processo de profissionalização da política nos parece deletério já que obnubila que tudo seja político.

Vejamos.

Quando um então pré-candidato ao palácio do planalto, durante palestra proferida no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, em 03 abril de 2017, afirmou que: “eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada.”¹¹, tal como naquilo discutido na seção anterior no que tange ao processo de desumanização de quem é tido por “inimigo”, aqui também temos o emprego de uma metáfora (o uso de uma unidade de medida utilizada para pesar animais não-humanos para se referir ao peso de pessoas/animais-humanos) para desprover aquele segmento populacional de um caráter humano.

Afora o caráter preconceituoso e racista, tal como considerado pela própria justiça federal, em outubro de 2017, ao condenar o à época deputado federal por danos morais a comunidade quilombola e negra¹², também vale enfatizar o especismo (LEYTON, 2015) envolvido na questão, uma vez que a ofensa, a humilhação, o insulto se fundam na comparação de um segmento populacional com animais não-humanos, para os quais, em nossa sociedade, a visão que está consagrada é de que estes (animais não-humanos) são seres coisificados por si e, portanto, passíveis de eliminação, uma vez que não há (e nem se espera que haja) empatia por estes. Além disso, pelo exemplo arrolado, se consideramos que um dos principais recursos retóricos para o insulto é o rebaixamento do outro, temos mais um ponto de conexão entre tal expressão da violência verbal com um funcionamento humorístico, uma vez que a supracitada “mistura de estados” de Palmer (1994), através de figuras de linguagem, trocadilhos e/ou o uso de duplos sentidos, é frequentemente a forma pela qual é possível proceder com a diminuição de quem se quer atingir.

De todo modo, ainda que afirmemos repetidamente que o funcionar humoristicamente não está atrelado necessariamente à produção ou não produção de riso, ou também, acresceríamos neste momento, com as formas mais consagradas de materialização do humor, como piadas, anedotas, ditos espirituosos, dentre outras, o ataque verbal respaldado no humor pode estar propagado justamente através das formas listadas, pelas quais, usualmente, pode se esperar que ocasionem graça e riso. Um riso que corrobora o insulto e rebaixamento do outro, contudo, ainda que nem todos e todas comunguem com tais ideias sustentadas por essas formas humorísticas, não caímos no equívoco de imputá-las como não sendo humorísticas, afinal, pela perspectiva que aqui defendemos, o são.

Inclusive, correlacionando a violência verbal, o discurso humorístico e o ódio ao outro, o qual é um dos sintomas da polarização assimétrica vivenciada no Brasil contemporâneo, gostaríamos de enfatizar e relembrar que piadas, charges, pichações ofensivas se valendo de metáforas em muros e prédios públicos, slogans, dentre outras formas de expressão que, por exemplo, propagam ideias de ódio ao outro através de um funcionamento humorístico não são novidades do contexto sócio-histórico atual, uma vez que, por exemplo, na ascensão do nazismo na Alemanha por volta dos anos

11

<<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

12

<<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/justica-condena-bolsonaro-por-quilombolas-nao-servem-nem-para-procriar/>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

1930, segmentos da população, como judeus e homossexuais, eram alvo, não apenas da violência física, mas igualmente da violência simbólica e psicológica através do escárnio e da zombaria por meio de piadas, de charges publicadas na mídia da época (LIEBEL, 2006; SILVA, 2012).

Uma discussão candente envolvendo a violência verbal do discurso político no Brasil, a qual metonimicamente indicamos que se escora em formulações humorísticas, é a que versa sobre os limites da liberdade de expressão, sendo este ponto bastante similar aos debates envolvendo o humor, mormente o de cunho politicamente incorreto. Como intentamos reflexionar de forma sintética acerca disso noutra ocasião:

[...] quais seriam os limites para o humor? Para a nada simples resposta, diríamos que, ao contrário de sugerirmos limites sufocantes e autoritários à liberdade de expressão, nos parece pouco crível que o humorismo não possa ter certos freios, principalmente quando propaga a mera destruição e diminuição do outro. Em outros termos, quando o discurso humorístico sugerir a propagação de ódios e intolerâncias, ou naturalize e tome como aceitáveis práticas danosas ao corpo social, como crimes de ódio e a própria violência simbólica.

O raciocínio que tais afirmativas procuram construir é de que os limites não estão no humor em si, mas são dados nos embates e conflitos que permeiam o próprio corpo social (GRUDA, 2017, p. 114).

Destarte, a prerrogativa de se propagar discursos violentos de ódio ao outro/“inimigo”, ainda que seja pela via humorística de se operar, não é algo que possa ser aceitável sem quaisquer ressalvas, questionamentos e discussões. Inclusive e curiosamente, essa violência verbal e presente nos discursos de figuras da política (e que reverberam naqueles e naquelas que as apoiam) no Brasil contemporâneo é defendida por alguns setores seguindo a mesma chave de liberdade ilimitada para a liberdade de expressão, tal como fora apregoado no momento de ascensão da chamada stand-up comedy brasileira, maiormente, nos idos de 2007-2008.

Esta aproximação que propomos entre a comédia stand-up e a política institucional também agenda, para além da compreensão que o humor detém um caráter político (GRUDA, 2017), a reflexão acerca das similaridades possíveis entre ambas no que tange ao formato e retóricas utilizados, por exemplo, na formulação e enunciação de seus discursos. Seja no palco ou palanque, o orador político ou comediante busca que a audiência comungue com as ideias enunciadas e, na conjuntura atual de supracitada polarização assimétrica, o afeto do ódio ao “inimigo” é sobremaneira mobilizado, ainda que por vezes esteja disfarçado de conteúdo humorístico por se valer dos mecanismos de funcionamento do discurso do humor (como já citamos, as metáforas que misturam senso e nonsense são aquelas que mais frequentemente são empregadas).

Considerações finais

Ao compreendermos a linguagem como tão fundamental na constituição da realidade, das relações que estabelecemos com o mundo e com os outros e no modo como subjetivamos, intentamos indicar alguns aspectos da manifestação do afeto do ódio pela via discursiva, apresentando como perspectiva a de que o funcionamento ali presente, por vezes, é de caráter humorístico. Ainda que não tenhamos destrinchado por completo as nuances envolvidas, procuramos enunciar alguns exemplos, tomando-os de modo metonímico de como se materializa e opera a violência verbal no contexto de polarização assimétrica vivenciado nos últimos anos no Brasil. Violência esta que exerce impacto e contribui na escalada crescente de violências de ordem física e simbólica contra os “inimigos” do polo oposto e

é, ao mesmo tempo, igualmente sintoma da atual configuração sócio-histórico-cultural.

Esperamos que estas nossas breves notas, tal como na expressão que empregamos no título de nosso texto, contribuam não somente para o debate e reflexões envolvendo estudos envolvendo linguagem/discurso, e particularmente no que tange as nuances do discurso do humor, mas também indiquem possibilidades para entendermos o que está acontecendo na realidade presente e possamos tentar modificá-la.

Sobre o artigo

Recebido: 08/05/2020

Aceito: 09/07/2020

Referências bibliográficas

- AHMED, S. **The cultural politics of emotion**. New York: Routledge, 2004.
- BOBBIO, N. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. Trad. M. Nogueira. São Paulo: Ed. da UNESP, 1995.
- BRINGEL, B.; PLEYERS, G. Junho de 2013...dois anos depois: polarização, impactos reconfiguração do ativismo no Brasil. **Nova Sociedade**, v. 2015, n. 2, p. 4-17, 2015.
- BRUGNAGO, F.; CHAIA, V. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. Aurora: **Revista de Mídia, Arte e Política**, São Paulo, v. 7, n. 21, p. 99-129, 2015.
- BRUNO, F.; CARDOSO, B.; KANASHIRO, M.; GUILHON, L.; MELGAÇO, L. (orgs.). **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DEMOCRACIA em vertigem. Direção: Pietra Costa. Brasília, DF: Violet Films, 2019. Disponível em: Netflix. Acesso em: 17 nov. 2021.
- EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Trad. E. Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- FILHO, P.; FEITOSA, G.; SILVA, C.; Petismo e antipetismo em relatos de simpatizantes da direita na internet. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 14, n. 2, p. 1-13, 2019.
- GALLEGO, E. (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- GUARESCHI, P. Psicologia e Pós-verdade: a emergência da subjetividade digital. **PSI UNISC**, v. 2, n. 2, p. 19-34, 2018.
- GRAMSCI, A. **Cuadernos de la cárcel**. Tomo 4. Trad. A. Palos. Ciudad de México: Ediciones Era, 1986.
- GRUDA, M. Some critical reflections about politically incorrect humour at contemporaneity. **Psychology Research**, v. 5, n. 8, p. 484-495, 2015.
- GRUDA, M. **O discurso do humor politicamente incorreto no mundo contemporâneo**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2017.
- GRUDA, M. Em tempos de ódio emergente e candente, à reflexão. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCAR**, v. 9, n. 3, p. 1015-1021, 2019.

- JASPERS, K. **A questão da culpa: a Alemanha e o nazismo**. São Paulo: Todavia, 2018.
- LEYTON, F. Literatura básica en torno al especismo y los derechos de los animales. **Revista de Bioética y Derecho**, Barcelona, n. extra, p. 93-98, 2015.
- LIEBEL, V. **Humor, propaganda e persuasão: as charges e seu lugar na propaganda nazista**. 2006. 160 f. Dissertação (Mestre em História)– Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.
- LIPOVETSKY, G. **Era do vazio**. Trad. T. Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista** (1848). Trad. Á. Pina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- MIGUEL, L. Jornalismo, polarização política e a querela das fake News. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 16, n. 2, p. 46-58, 2019.
- ORLANDI, E. **A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1996.
- ORTELLADO, P.; SOLANO, E.; MORETTO, M. Uma sociedade polarizada?. In: JINKINGS, I.; DORIA, K.; CLEO, M. (orgs.). **Por que gritamos golpe?: Para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016, p. 159-164.
- PALMER, J. **Talking humour seriously**. London: Routledge, 1994.
- PARKER, I. **Psychology after discourse analysis: concepts, methods, critique**. London: Routledge, 2015.
- POSSENTI, S. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2018.
- SAFATLE, V. **Circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo, fim do indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- SANTOS JÚNIOR, M. A. Coxinhas e petralhas: o fandom político como chave de análise da audiência criativa nas mídias sociais. **Revista GEMInIS**, v.7, n.1, p. 117-146, 2016.
- SILVA, M. F. **As relações entre uma modalidade do gênero humorístico e a história política na Alemanha dos anos 30**. 2012. 168 f. Dissertação (Mestra em Letras)– Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SOLANO, E.; ORTELLADO, P.; MORETTO, M. 2016: o ano da polarização. **Análise**, n. 22, p. 1-19, 2017.
- TRAVERSO-YEPEZ, M. Os discursos e a dimensão simbólica: uma forma de abordagem à Psicologia Social. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n. 1, p. 39-59, 1999.
- ŽIŽEK, S. (org.). **Um mapa da Ideologia**. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.